

Desafios das *Utilities* do Setor Elétrico Brasileiro¹

Nivalde de Castro²

Lorrane Câmara³

Bianca de Castro⁴

O processo mundial de transição energética em curso está sendo caracterizado por três *drivers* de inovações tecnológicas: Descarbonização, Descentralização e Digitalização – 3 D's. Uma das principais resultantes desta transição é a ampliação do uso da energia elétrica pela sociedade, tendo como exemplo mais atual a difusão dos veículos elétricos.

O objetivo deste artigo é analisar o D da digitalização, como fator relevante para a lucratividade e sustentabilidade financeira dos grupos que atuam no segmento de distribuição de energia elétrica do Setor Elétrico Brasileiro (SEB).

De imediato, deve-se considerar que o “negócio” de distribuição de energia elétrica, no Brasil, seguirá a tendência verificada nos países desenvolvidos, notadamente nos EUA e na União Europeia, de separação entre as atividades de distribuição *stricto sensu* e de comercialização. Trata-se de uma mudança estrutural que, no Brasil, está sendo realizada de forma gradual, porém sem volta, em direção a um mercado mais liberalizado e competitivo no segmento da comercialização.

Mesmo cabendo às distribuidoras somente a remuneração pelos investimentos e serviço de manutenção das redes de distribuição, as concessionárias serão impactadas pelo processo de transição energética. Os desafios tecnológicos intrínsecos a este processo demandarão avanços significativos no campo da digitalização das redes, de modo que investimentos serão cruciais para que as

¹ Este artigo foi publicado pelo serviço de informação Broadcast da Agência Estado de São Paulo em 28 de agosto de 2019.

² Professor do Instituto de Economia da UFRJ e coordenador do GESEL – Grupo de Estudos do Setor Elétrico.

³ Pesquisador Líder do GESEL-UFRJ.

⁴ Pesquisadora Associada do GESEL-UFRJ.

distribuidoras possam, cada vez mais, assumir a operação ativa do sistema de distribuição.

Este processo, como se prevê, a luz do que ocorreu em outros países, irá exigir, necessariamente, inovações regulatórias, a fim de que o “negócio” da distribuição se mantenha sustentável e garanta o retorno dos novos investimentos associados à digitalização. Neste aspecto, uma questão crucial será como considerar e classificar os investimentos em digitalização vinculados ao monopólio natural, sobre os quais o retorno é assegurado contratualmente.

Em paralelo, a transição energética está abrindo a possibilidade de novos negócios, dissociados das garantias dadas pelo monopólio natural. Esta dinâmica ultracompetitiva está impondo aos grupos que detêm concessões de distribuição – *utilities* - a diversificação de sua área de atuação, através da criação ou da compra de empresas focadas em inovações, para aproveitar as oportunidades de novos negócios que a transição energética está proporcionando.

Neste processo dinâmico, dois aspectos merecem ser destacados. O primeiro, de caráter estrutural, é a necessidade impositiva de as *utilities* do SEB incorporarem em seu planejamento estratégico a inovação. Constata-se, nos principais grupos, ações nesta direção, com a criação de diretorias e vice-presidências de Inovação, como é o caso dos grupos EDP, Energisa, CPFL, entre outros. Desta forma, a tendência é a sistematização de programas de inovação, os quais irão orientar as decisões de investimentos que a transição energética proporciona, seja dentro e fora do monopólio natural.

O segundo aspecto é que o SEB detém um importante instrumento de política pública de inovação: o Programa de P&D da ANEEL. O Programa é financiado através de uma parcela ínfima da receita operacional líquida das concessionárias, não dependendo de verbas públicas. Os recursos são aplicados em projetos de inovação definidos pelas próprias empresas, um sinal importante de autonomia e liberdade para que os grupos possam investir de acordo com seus interesses, visões e estratégias de negócio.

Nestes termos, e a título de conclusão, as *utilities* do SEB estão se preparando e têm capacidade, na avaliação dos autores, para enfrentar os desafios que a transição energética está impondo ao seu ambiente de negócio.